

## Alfabetização: o saber, o fazer, o querer.

Magda Soares

**Como citar:** SOARES, M. Alfabetização: o saber, o fazer, o querer. *In:* MORTATTI, L. R. M ; FRADE, S. A. C. I. **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014.352p.  
DOI:<https://doi.org/10.36311/2014.978-85-393-0539-1.p27-39>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# ALFABETIZAÇÃO: O SABER, O FAZER, O QUERER

*Magda Soares*

## O TEMA DO CONGRESSO, O TEMA DA CONFERÊNCIA

Penso que cabe a mim, como responsável pela conferência de abertura deste I Congresso Brasileiro de Alfabetização, o papel de, mais que propor caminhos, propor perguntas e desafios que talvez possam ser enfrentados durante as reflexões e discussões que serão desenvolvidas ao longo das atividades – nas mesas, nas sessões de comunicação, nos relatos de experiência. Assim, começo por chamar a atenção para o título desta conferência de abertura, título em que introduzi uma mudança no tema do Congresso.

O tema do Congresso é: “Os sentidos da alfabetização no Brasil: o que sabemos, o que fazemos e o que queremos?”. O título que proponho para esta conferência de abertura é: “Alfabetização: o saber, o fazer, o querer.” Quero, inicialmente, esclarecer os termos desse título.

É necessário que eu explique, inicialmente, a manutenção, no título de minha conferência, do termo “alfabetização”. Explicação necessária, porque é conhecida a minha posição em relação a esse termo, para o qual mantenho o significado que sempre teve na história da língua e na história da educação, preferindo delegar a outra palavra – à palavra “letramento” – aquilo que se acrescentou ao significado histórico e dicionarizado da

palavra “alfabetização”. Talvez o uso do plural no título do Congresso – “os *sentidos* da alfabetização” – queira referir-se aos múltiplos significados que têm sido atribuídos à palavra “alfabetização”, ampliando o alcance dessa palavra para além de seus limites semânticos historicamente constituídos.

Mas não vou me deter nessa questão, já por demais debatida; apenas esclareço, para economia da exposição, que uso aqui a palavra “alfabetização” com o significado de “aprendizagem inicial da língua escrita”, expressão que incorpora, em meu entender, alfabetização e letramento.

Desse modo, mantive, no título desta conferência, a palavra “alfabetização”, presente no tema do Congresso, introduzindo uma modificação: a substituição dos verbos conjugados na primeira pessoa do plural – “o que *sabemos*, o que *fazemos* e o que *queremos*” – por verbos substantivados, no infinitivo impessoal: *o saber, o fazer e o querer*. Quis, com isso, ao mesmo tempo preservar o tema e abrir possibilidades de considerá-lo sob diferentes perspectivas.

Disse, anteriormente, que pretendia, nesta exposição, propor perguntas, desafios; lembro Saramago, que, em *Memorial do Convento*, a certa altura, põe as seguintes palavras na boca de um personagem: “O mundo inteiro está dando respostas, o que falta é o tempo das perguntas.” (SARAMAGO, 1993, p.320).

Acredito que estamos no “tempo das perguntas”, por isso, o que aqui vou propor são perguntas, dúvidas e desafios, aos quais a alfabetização está nos pedindo que respondamos.

## A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Discuto, em primeiro lugar, por que o apagamento da primeira pessoa do plural no título desta conferência.

O uso da primeira pessoa do plural – o que *nós* sabemos, o que *nós* fazemos e o que *nós* queremos – supõe uma coletividade voltada de forma homogênea e integrada para a discussão dos “sentidos da alfabetização”, refletindo sobre o que ela, coletividade homogênea e integrada, *sabe, faz, quer*.

Será que formamos essa coletividade? Será que podemos falar em um saber, fazer, querer *nosso*, no campo da alfabetização?

Vou discutir cada um dos verbos e correspondentes ações – saber, fazer, querer – para propor que o uso da primeira pessoa do plural – um *nós* como sujeito dessas ações – suscita dúvidas. Começo por discutir o SABER.

## SABER

Não há como não reconhecer que, no campo do SABER sobre alfabetização, temos tido dissensos, discordâncias, divergências...

- Por um lado, há discordâncias, como já mencionei, sobre o próprio conceito de alfabetização, sobre a necessidade ou pertinência do termo “letramento”, sobre as relações entre alfabetização e letramento;
- por outro lado, há os que defendem “letramento”, no singular, há os que preferem “letramentos”, no plural, há os que optam por “multiletramentos”;
- há, sobretudo, divergências entre diferentes *referenciais teóricos* sobre os quais fundamentar o processo de alfabetização: linguísticos? fonológicos? psicogenéticos? cognitivos? socioculturais? ou ainda, recentemente, o referencial que vem sendo construído pelas neurociências?;
- há, em decorrência dessas divergências – e, aqui, mais que de divergências, trata-se mesmo de antagonismos – há os que disputam paradigmas para a alfabetização: paradigma construtivista, fonológico, socio-cultural... cada um com a defesa de uma verdade, de uma *sua* verdade;
- conseqüentemente, há antagonismos em torno de *métodos de alfabetização*, até em torno da própria pertinência de haver método em alfabetização – a isso voltarei, quando tratar em seguida do FAZER.

Em síntese: não há homogeneidade nos “sentidos” atribuídos à alfabetização, no que se refere ao SABER; na verdade, há multiplicidade de SABERES, no plural, não *um* SABER sobre a alfabetização.

Assim, penso que os que buscam construir SABER na área da alfabetização não se reúnem em um *nós*: estamos divididos em vários “nós”,

cada grupo se isolando em um *nós* que exclui outros grupos, que, por sua vez, também se isolam, cada um em um *nós*, cada grupo construindo o *seu* saber.

E aqui vem a primeira pergunta que quero propor.

Será produtiva essa heterogeneidade teórica e conceitual existente hoje, no Brasil, na verdade em todos os países (nos Estados Unidos persistem, há quase três décadas, as *reading wars* – as guerras na alfabetização), será produtiva essa multiplicidade e heterogeneidade de SABERES sobre alfabetização? Ou essa heterogeneidade, que muitas vezes se manifesta em polêmicas, controvérsias, é nociva, prejudicial, danosa?

Seria importante, seria necessário, superá-la, ou são instigantes e enriquecedores as discordâncias e os conflitos?

Deixo a pergunta, a que tentarei responder adiante, e introduzo uma nova reflexão, que me parece igualmente importante.

São os SABERES – com base na heterogeneidade de teorias e paradigmas de que falei, uso sempre o plural – são os SABERES construídos por pesquisas, expressos em teorias, princípios, conceitos, heterogêneos e muitas vezes discordantes, que atribuem “sentidos” (para usar a palavra do tema do Congresso) à alfabetização?

São esses SABERES teóricos – seja um saber construído pela psicogênese, seja pela psicologia cognitiva, ou pela linguística, ou pela fonologia, ou pela sociolinguística, ou pelas neurociências – são esses SABERES que explicam e fundamentam a alfabetização de crianças ou adultos?

Essa pergunta, que também deixo por enquanto sem resposta, nos leva ao segundo verbo de nosso tema, o FAZER, e às relações dele com o SABER.

## FAZER

Sobre o verbo “FAZER”, e a ação que ele nomeia – o FAZER, na alfabetização – três perspectivas são possíveis.

Em primeiro lugar, os diferentes SABERES sobre a alfabetização têm proposto diferentes FAZERES na alfabetização – de novo, o plural se impõe.

Surge aqui a questão do *método* de alfabetização, entendido como o FAZER a alfabetização. Cada SABER preceitua o *seu* FAZER: um fazer fonológico, um fazer construtivista, um fazer sociocultural... Assim, diferentes SABERES buscam materializar-se em diferentes FAZERES, os quais, refletindo as divergências teóricas, são FAZERES geralmente considerados antagônicos e incompatíveis.

Uma segunda perspectiva é que o FAZER não se realiza apenas pela orientação deste ou daquele SABER, mas se constrói também *nas* práticas e *pelas* práticas, no cotidiano das salas de alfabetização.

É preciso reconhecer que SABERES sobre a alfabetização se constroem não só por teorias, mas também se constroem em decorrência dos FAZERES cotidianos dos que alfabetizam: há SABERES teóricos e há os SABERES da prática; dessa maneira, há FAZERES propostos por teorias, e há os FAZERES propostos pelas práticas, aqueles FAZERES que efetivamente se revelam possíveis e condizentes com as circunstâncias reais em que se desenvolve o processo de alfabetização, sob condições as mais variadas, *por* participantes específicos e *para* participantes específicos.

Finalmente, uma terceira perspectiva sobre o FAZER nos leva a pensar o lugar do *pedagógico*, quando buscamos os sentidos da alfabetização.

Não será o pedagógico que vê como possível e, mais que isso, como necessária, a integração dos diferentes SABERES – os teóricos e os da prática – e dos diferentes FAZERES – os propostos pelas teorias e os construídos na prática?

Gostaria de lembrar aqui a conhecida história dos cegos e o elefante, que me parece uma perfeita metáfora para esclarecer o papel do pedagógico no campo da alfabetização:

Seis homens cegos tentam descobrir como é um elefante. O primeiro toca a barriga do animal, e afirma que ele é como uma parede; o segundo toca a presa, e discorda: um elefante é como uma lança; o terceiro toca a tromba, e declara que o animal é como uma serpente; o quarto toca a perna, e contesta: não, um elefante é como uma árvore; o quinto toca a orelha, e defende que ele é como um leque; finalmente o sexto toca o rabo, e assegura que o elefante é como uma corda. Conclusão: cada cego está certo em parte, mas todos estão errados... (Reconto da autora).

Cada SABER teórico sobre o processo de alfabetização é fruto de uma ação como a dos cegos: põe o foco em uma parte do processo de aprendizagem da língua escrita, estuda e pesquisa a parte que lhe cabe, no quadro de sua área específica: psicogênese, psicologia cognitiva, fonologia, linguística textual, discurso, contexto sociocultural...

Para a construção de um SABER teórico, essa fragmentação é inevitável: se o todo é complexo e multifacetado – e o processo de alfabetização é complexo e multifacetado; se cada faceta é de uma natureza específica – e o processo de alfabetização tem facetas específicas – psicogenética, cognitiva, fonológica, textual, discursiva, sociocultural –, cada uma só pode ser investigada isoladamente, e essa investigação conduzirá ao “certo” para aquela faceta.

No entanto, quando o fenômeno passa a ser objeto não de pesquisa, mas de aprendizagem e de ensino, é adequado agir como os cegos? Eleger e privilegiar uma das facetas? Considerar que a faceta investigada é o todo? Ou é preciso reconstituir o todo?

Sob a perspectiva pedagógica, serão mesmo incompatíveis os SABERES teóricos?

Não se pode negar que o processo de alfabetização se constitui:

- de um desenvolvimento psicogenético;
- que ocorre simultaneamente ao desenvolvimento da consciência fonológica, que apoia e suscita o desenvolvimento psicogenético;
- ambos realizando-se concomitantemente ao desenvolvimento linguístico-textual e discursivo, inerente à entrada no mundo da escrita;
- tudo isso sujeito a características sociolinguísticas, e a contextos socioculturais e sócio-históricos específicos;
- e com bases neuronais que começam a ser bem conhecidas.

Se assim é, não será possível, e mesmo necessário, reconstituir o processo como um todo, porque é como um todo que o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita se realiza nas salas de aula?

Não será responsabilidade e tarefa do *pedagógico* a reconstituição desse todo, a identificação das possíveis e necessárias articulações de dife-

rentes SABERES, e, em decorrência, o reconhecimento da possibilidade e necessidade de articulação de diferentes FAZERES?

E não será ainda responsabilidade e tarefa do pedagógico iluminar os FAZERES das práticas com os SABERES teóricos? E, ao mesmo tempo, pôr à prova os SABERES teóricos no confronto deles com os SABERES construídos *nas* práticas e *pelos* práticas?

Não será possível, e mesmo necessário, conciliar os FAZERES propostos por diferentes SABERES teóricos, e ajustá-los às limitações e ampliações sugeridas pelos SABERES e pelos FAZERES construídos *nas* e *pelos* práticas?

São novas perguntas e desafios que proponho. Retomando a citação de Saramago (1993, p.320) feita anteriormente – “O mundo inteiro está dando respostas, o que falta é o tempo das perguntas” – acredito que estamos, sim, no “tempo das perguntas”, no campo da alfabetização, mas também no tempo da urgência de respostas a essas perguntas, respostas que “o mundo inteiro” – aqui, o mundo da alfabetização – está oferecendo.

E que respostas são essas? Acredito que os que estão em condições de identificar as respostas que o mundo da alfabetização está oferecendo são:

- os que *conhecem* os diferentes SABERES teóricos sobre a alfabetização e os diferentes FAZERES propostos por esses diferentes SABERES teóricos;
- e que, ao mesmo tempo, conhecem os FAZERES das práticas de alfabetização no cotidiano das escolas e das salas de aula, e *reconhecem* os SABERES que esses FAZERES da prática constroem;
- esses hão de saber que a resposta que se impõe é a superação das divergências entre os SABERES das teorias e os FAZERES propostos por elas, e a possibilidade, por um lado, da articulação desses SABERES e FAZERES, e, por outro lado, de sua conformação com os SABERES e os FAZERES da prática.

O que nos leva, finalmente, ao QUERER.

## QUERER

Aqui, sim, podemos usar o verbo na primeira pessoa do plural, porque queremos todos o mesmo para a alfabetização.

Queremos superar nosso reiterado fracasso na alfabetização de nossas crianças; queremos formar alfabetizadores competentes; queremos assegurar a todos o direito à leitura e à escrita, direito essencial para o pleno exercício da cidadania, para a conquista de equidade social e cultural.

É essa a meta, o ideal, a utopia de todos nós – no QUERER, constituímos um grupo homogêneo, não há divergências nem antagonismos nesse QUERER.

Mas, para caminharmos em direção a esse nosso QUERER comum, temos de enfrentar, e superar, grandes desafios, implícitos em tudo que foi dito até agora, temos de procurar entendimento entre os que constituem o campo da alfabetização:

- entendimento, ou pelo menos tolerância e respeito, entre pesquisadores e estudiosos da alfabetização os quais constroem diferentes SABERES teóricos e propõem diferentes FAZERES, em decorrência desses diferentes saberes teóricos;
- entendimento, entre os que defendem diferentes teorias, de que a *sua* teoria não esgota o processo de alfabetização;
- entendimento sobre as possibilidades de articulação entre teorias: se cada teoria – psicogenética, cognitiva, fonológica, sociocultural – mantém, e deve manter, sua coerência *interna*, é preciso reconhecer que a coerência do FAZER alfabetização supõe a articulação das diferentes facetas do processo, portanto, das diferentes teorias que as estudam;
- entendimento entre os SABERES de pesquisadores e estudiosos e os FAZERES dos que alfabetizam, o que significa articulação entre os saberes acadêmicos e os saberes da prática.

Para que esses entendimentos se realizem – e eles são condição para perseguirmos e atingirmos o nosso QUERER comum –, é necessário que os que constroem SABERES teóricos e propõem FAZERES deles decorrentes, assim como os que praticam FAZERES e a partir deles cons-

troem SABERES da prática, não se encastem cada um na *sua* verdade, na *sua* certeza.

Para encerrar, e lembrando o patrono da Educação Brasileira e também patrono da ABAlf – Associação Brasileira de Alfabetização, promotora deste Congresso, repito o que Paulo Freire afirmou ter orientado toda a sua vida e todas as suas reflexões e realizações: “Creio ser sempre necessário não ter certeza, isto é, não estar excessivamente certo de ‘certezas’”. (FREIRE, 2011, p.210).

Talvez esteja nessas palavras a condição para a construção de um *nós* na alfabetização: ainda que reconhecendo múltiplos SABERES e múltiplos FAZERES, não nos fechamos excessivamente cada um, cada grupo, na sua certeza, mas juntarmos as nossas certezas para realizarmos o nosso QUERER para a alfabetização.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

SARAMAGO, J. *Memorial do convento*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1993.